

**PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 02, EPISÓDIO 06
NEGACIONISMO NAS ELEIÇÕES**

SOBE-SOM DE BOLSONARO NO 7 DE SETEMBRO

“Imbrochável, imbrochável, imbrochável”

THAÍS: Não foi exatamente uma surpresa ver o presidente do Brasil, em plena celebração dos 200 anos da independência, protagonizar mais um episódio de masculinidade frágil. E foi menos surpreendente ainda ver ele transformar o 7 de setembro em um palanque, o que inclusive é considerado crime eleitoral.

SONORA BOLSONARO EM BRASÍLIA:

Tenho certeza que juntos em outubro daremos mais um grande passo para o futuro do nosso país e das nossas famílias.

THAIS: O feriado foi aquele show de horror que a gente já conhece. Teve o Bolsonaro agitando os seguidores dele contra o STF no Rio de Janeiro:

SONORA BOLSONARO NO RIO DE JANEIRO

E sabem também como funciona o Supremo Tribunal Federal. (vaidas da multidão) O conhecimento liberta!”

THAIS: Teve gente de verde e amarelo com cartazes pedindo intervenção militar.

SOBE SOM REPORTAGEM

Algumas pessoas carregavam faixas com dizeres antidemocráticos em português e até em inglês, e pediam intervenção militar com Bolsonaro no poder, o que é inconstitucional.

THAIS: E teve até paraquedista das forças armadas errando o local de pouso no Rio de Janeiro.

SOBE SOM REPORTAGEM DCM

Qual é rapaziada, olha os paraquedistas, tá dando ruim, caiu tudo dentro do morro.

THEO: O que foi mais estranho e passou meio batido foi a defesa de pseudociências. Na Avenida Paulista, em São Paulo, um carro de som foi ocupado pelo pessoal do Médicos Pela Vida, um grupo que defende tratamentos sem comprovação contra a

Covid, que a vacina na verdade faz mal... aquele pacotinho anticiência todo. Se você não lembra, o Médicos Pela Vida é aquele grupo que publicou uma propaganda a favor do tratamento precoce nos principais jornais do Brasil em 2021, no auge da segunda onda da pandemia. Anúncio pago por uma fabricante de ivermectina, vale dizer.

SONORA CARRO DE SOM MÉDICOS PELA VIDA

Essas picadinhas não funcionam. E muita gente tá tendo problemas graves com essas picadas: trombose, infarto, AVC, derrame. E isso tudo ele sabe, o Bolsonaro sabe. Mas se ele colocar muito às claras... já combatem ele por não ter tomado as picadas, imagina se fosse mais claro quanto a isso.

THAÍS: Esse cara aí do Médicos Pela Vida também usou o microfone do carro do som pra falar que as vacinas, o isolamento social, a rejeição à cloroquina, tudo faz parte de uma conspiração global que envolve a OMS e a ONU.

THEO: E o que é muito louco é que esses papos conspiratórios sempre acompanharam o presidente Jair Bolsonaro e os seguidores dele, inclusive na área da saúde e mesmo quando isso não necessariamente é popular fora do cercadinho dele. Um papo de boteco que eu já tive mais de uma vez é: por que o Bolsonaro me resolve criticar a vacina, e ele criticou SIM a vacina em várias ocasiões, num país com uma larga tradição em vacinação?

THEO: Do ponto de vista de popularidade, eu entendo um político falar que já tem a cura para covid, por mais anticientífico que isso seja. Porque isso tem aquele apelo de solução mágica. Mas bater em vacina na terra do Zé Gotinha?! Pra quê? Tomando as minhas canjibrina eu cheguei a argumentar que era burrice mesmo. Mas apurando esse episódio a gente viu que não.

THAIS: O fato é que não haveria Bolsonaro, nem fã de Bolsonaro, em um mar tranquilo. A existência dele depende do caos. Se o nosso presidente seguir o *status quo*, ou o consenso em uma coisa que seja, ele perde o apelo populista dele.

SONORA GUILHERME CASARÕES

O populismo é um estilo, o populismo é uma performance. Mas o populismo ele observa três coisas dentro desse conceito do estilo populista: a divisão da sociedade o tempo inteiro entre povo e elite, povo do bem, elite do mal. A ruptura com a linguagem do politicamente correto. E por fim, o terceiro elemento do populismo é a citação permanente de crises, né. A necessidade de você ter uma crise para resolver.

THAIS: O Guilherme Casarões que você ouviu aí é cientista político e professor da

Fundação Getulio Vargas. Ele foi um dos pesquisadores que nos ajudou a entender esse conceito do populismo e a importância dele para as eleições que tão chegando e até as próximas que virão. Além do Guilherme, a gente conversou com a Letícia Cesarino, uma antropóloga da Universidade Federal de Santa Catarina que estuda um fenômeno moderno nessa linha: o populismo digital.

SONORA LETÍCIA CESARINO

Não é que a arquitetura de redes sociais, por exemplo, ela é programada para fazer uma divisão amigo-inimigo na sociedade, uma divisão binária, né? O viés do algoritmos eles têm essa tendência que a gente chama de homofílica, ou seja, de que é melhor você juntar igual com igual. Uma tradução política desse viés algorítmico é uma tendência mais populista, mais polarizadora em dois campos,

THEO: Ou seja, populismo digital é um fenômeno que usa plataformas e recursos da internet para disseminar discursos populistas e teorias que contrariam a ciência. E que está sendo usado, principalmente, pelos movimentos de extrema direita em ascensão pelo mundo. Sem esse pano de fundo, talvez a gente não tivesse que discutir o Bolsonarismo hoje. Ele e outros políticos vêm crescendo na esteira da crise econômica e social global, e até de certa forma alimentando essa crise.

SONORA LETÍCIA CESARINO

Tem outra característica dos algoritmos também, que é bastante importante como base para esse tipo de movimento, que é o que alguns autores chamam de temporalidade de crise permanente. Ou seja, um usuário de internet, ele tá sempre sendo interpelado por eventos, um atrás do outro. você não consegue estabilizar hábito, estabilizar reflexão, né. Então você cria uma atmosfera mesmo de crise, que é muito instrumental para certos tipos de influenciadores, de lideranças populistas, de teorias da conspiração.

THEO: E nesse ponto aí o populismo digital casa muito bem com o negacionismo científico. Vacina? Não, isso é coisa da OMS e do Bill Gates para promover assassinatos em massa e/ou rastrear a população. Aquecimento global? Uma desculpa globalista para invadirem a Amazônia e acabarem com a nossa soberania nacional. Controle de armamento? Só mais uma tática para deixar a população à mercê de líderes que querem criar uma ditadura comunista.

THAÍS: Então assim, [não é à toa que dos 78 indiciados pela CPI da Covid, VINTE tão concorrendo a cargos](#), entre eles a médica Nise Yamaguchi, a Mayra Pinheiro-a-Capitã-Cloroquina, o general Eduardo Pazuello e o Osmar Terra, que só deu bola fora nas suas projeções.

SONORA OSMAR TERRA

Porém esta epidemia, na minha opinião, vai ser menor e com muito menos dano para a população do que a epidemia do H1N1, por exemplo.

THAÍS: Quer dizer, o Bolsonaro pode até perder as eleições, e enquanto a gente grava esse episódio parece provável que isso aconteça. Mas muita gente pode beber da fonte populista que elegeu ele. Neste episódio, a gente vai discutir essa onda negacionista e cheia de pseudociência que tá ameaçando ganhar espaço no Executivo e no Legislativo. Tem negacionismo e conspiração para todos os gostos, mas a gente vai focar em duas áreas: saúde e meio ambiente. E mostrar o perigo que se esconde por trás disso.

THEO: Eu sou o Theo Ruprecht.

THAIS: Eu sou a Thaís Manarini. E esse é o sexto episódio da segunda temporada do Ciência Suja, o podcast que mostra que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

- MÚSICA DE ABERTURA -

THEO: Um dos prazeres meio mórbidos do nosso time é seguir acompanhando os protagonistas dos casos de ciência suja que viraram episódio por aqui. E numa dessas eu estava olhando o perfil do Facebook do Renato Meneguelo, do nosso primeiríssimo episódio. Lembra dele, o médico da fosfoetanolamina sintética, a pílula que curaria todos os tipos de câncer? Então...

SONORA RENATO MENEGUELO

Eu sou Renato Meneguelo, deputado federal. Eu to aqui pra falar sobre a fosfoetanolamina, você sabe o que é a fosfoetanolamina? É uma substância que cura o câncer.

THEO: Pois é, o cara está concorrendo a deputado federal por São Paulo, e com o slogan “o médico da fosfo”. Se bem que ele não está contente só com a fosfo não, ele quer liberar mais um monte de pseudagens.

SONORA RENATO MENEGUELO

Você sabe o que é a ozonioterapia? É um gás que cura entre 250 tipos de doenças diferentes. Vou liberar também as frequências, e liberar a cama médica do Dr Kesh. E a Mutamba, que é para pacientes com aids. Deputado federal, Renato Meneguelo.

THAIS: Só para reforçar o óbvio: nem a fosfo e nem nada do que ele disse aí tem comprovação científica de eficácia, pelo contrário. Mas bom, o caso do Meneguelo mostra duas coisas: a primeira é que não é de hoje que as pseudociências ganham espaço na política. Quando a história da pílula do câncer estourou na grande imprensa em 2015, o Meneguelo foi discursar no congresso nacional e ganhou apoio de muita gente. Uma das duas únicas propostas de lei que o então deputado federal Jair Bolsonaro emplacou em seus 27 anos na Câmara autorizava a distribuição da fosfo mesmo sem aprovação da Anvisa. Essa lei foi suspensa pelo STF em menos de um mês.

THEO: E a segunda coisa que chama atenção é que nem nas eleições de 2016 nem nas de 2018 o Meneguelo se candidatou, e nessa época ele era mais conhecido. Por que então agora, em 2022, ele sentiu que dava pra beliscar uma cadeira no Congresso Nacional?

THEO: A gente aqui não sabe o que está na cabeça do Meneguelo para responder essa pergunta, mas a verdade é que a eleição do Bolsonaro e os 4 anos de governo dele puxaram essa onda de candidaturas negacionistas. O povo viu que o populismo dele – e, como a gente já falou, esse populismo usa o negacionismo científico – dá voto, e não é pouco voto.

THAÍS: Até o fechamento da edição, a nossa produtora Chloé Pinheiro colocou 53 candidatos negacionistas em uma planilha de Excel.

CHLOE: Mas só porque não deu tempo de pesquisar mais!

THAIS: E tem de tudo ali, mas o que chama atenção é a quantidade de médicos e de gente ligada às pautas de saúde. Um levantamento do Metrôpoles aponta um crescimento de 11% de candidatos desse setor em geral, e isso faz sentido em um momento de pandemia. Tem médico bem intencionado no meio desses, claro. Mas o fato é que a saúde está na mira dos populistas. O Guilherme Casarões, aquele cientista político que falou antes, disse que existe até um conceito para isso: populismo médico.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Que que é isso, né: O populismo médico ou sanitário? É, crise sanitárias oferecem muitas vezes para lideranças políticas a oportunidade de criar uma performance em torno daquela crise.

THAIS: Via de regra, o populista quer trazer uma solução rápida para um problema complexo. Então ele não vai gostar da ideia de testar direito um remédio antes de falar

que ele é a cura da covid. Tanto que o Bolsonaro já estava mandando o exército fazer mais cloroquina no dia 21 de março de 2020.

SONORA BOLSONARO

Também agora pouco me reuni com o senhor Ministro da Defesa, onde decidimos que o laboratório químico e farmacêutico do Exército deve imediatamente ampliar sua produção desse medicamento.

THAIS: A OMS havia declarado a pandemia de coronavírus no dia 11 de março. E menos de duas semanas depois o presidente já tinha uma solução perfeita para a crise. É ou não é feito digno de reeleição?

SONORA GUILHERME CASARÕES

No momento de crise, o populista se empodera justamente nessa perspectiva completamente irresponsável na maioria dos casos de oferecer uma solução milagrosa e rápida. Isso diante da lentidão tradicional da própria política, da própria política tecnocrática.

THEO: Mas e quando a ciência mostra que essa solução na verdade não tem nada de milagrosa? E mais: que ficar batendo nessa tecla só matou mais gente? Aí o populista parte para as teorias conspiratórias e mantém sua base eleitoral atijada.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Porque todo mundo que foi contra a cloroquina ou que tinha ressalvas com relação ao uso da cloroquina como tratamento precoce ou etc passou a ser parte dessa conspiração complexa que envolvia a imprensa, a China, a OMS, a Dória, os artistas. Aí isso também ajuda, Theo, a própria posição de vitimismo da qual populista se beneficia com frequência, né. Estão tentando me derrubar, estão tentando impedir que ofereça a solução que eu sei que funciona.

THEO: O populismo médico traz mais um efeito positivo para o político: virar o centro do debate. É só pensar que a cloroquina chegou a ser chamada de “o remédio do Bolsonaro”.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Você tira o holofote do Mandetta, tira o holofote do secretário de, sei lá, doenças infecciosas do ministério, você tira o holofote da comunidade médica e você volta holofote para mim, o populista. Eu que falo em nome do povo. Eu que sei a resposta, eu que conheço a verdade, “a verdade me libertou, João 8:32”

THEO: Essa disputa pelos olhos e ouvidos da população faz parte do que os

especialistas chamam de economia da atenção. Basicamente no mundo de hoje tem tanta coisa pra fazer, pra ler, pra ver, pra ouvir (e, aliás, obrigado pelos ouvidos aí pessoal), que só de um político conseguir a sua atenção, ele já sai na frente dos outros. E a gente estava usando o exemplo do Bolsonaro, mas a Letícia Cesarino acha que a busca por uns minutinhos do tempo do eleitor é até mais importante no Legislativo, onde os candidatos em geral têm menos palco. Segundo ela, o mundo digital abre um universo de oportunidades nesse sentido.

SONORA LETICIA CESARINO

Porque as pessoas que são votadas são as pessoas que são conhecidas. Isso desde antes da internet funciona assim, só que agora a gente tem esses públicos alternativos que conseguem visibilizar pessoas por vias que não passam pelo mainstream dos partidos, né da grande mídia.

THAIS: É a partir desse caldo de cultura aí que uma médica como a Mayra Pinheiro, a Capitã Cloroquina, vira uma candidata a deputada federal viável. No meio de um monte de concorrentes, ela ganha destaque por navegar no bolsonarismo e, acima de tudo, virar um dos símbolos do tratamento precoce. E não sei não, mas eu acho que a Mayra é capaz até de gostar do apelido Capitã Cloroquina que a oposição pregou nela. Mas como ela se destacou a ponto de ganhar essa alcunha infame, no meio de tanto médico cloroquiner?

THEO: Para responder isso, a gente vai trazer de novo a nossa produtora Chloé Pinheiro, que não é parente da Mayra, só pra esclarecer. A Chlô acabou de lançar junto com o Flavio Emery o Cloroquination. É um livro fantástico, vai virar documento histórico sobre como o Brasil virou o país das falsas curas para covid. E no Cloroquination, a Chloé conta a história da Mayra Pinheiro. Então faz seu merchand aí e depois conta de onde vem a nossa Capitã Cloroquina, Chlô.

CHLOÉ: Oi gente. Então, dá pra comprar o Cloroquination pela internet. A gente vai deixar o link na descrição e no site do Ciência Suja. Bom, no livro tem uma parte que a gente fala do bolsonarismo no meio médico, e lá a gente cita Mayra Pinheiro, porque ela foi uma das pessoas que mais atuaram para desmoralizar o Mais Médicos, um programa do governo Dilma Rousseff que tinha o objetivo de levar médicos para regiões do país onde eles estavam em falta. A maioria dos médicos era de Cuba, e aí já viu né. A Mayra é cearense e, em 2013, participou de protestos contra o Mais Médicos em Fortaleza, e nesses protestos dava pra ouvir frases como “volta para a senzala” e “escravos”. Acho que vcs lembram daquela foto famosa de um médico negro sendo recebido por essa turma no aeroporto, né?

SOBE-SOM DOS PROTESTOS CONTRA O MAIS MÉDICOS

Escravos, escravos, escravos!

CHLOÉ: A Mayra tentou aproveitar a projeção para descolar uma carreira política. Em 2014, ela se filiou ao PSDB e se candidatou a deputada federal, mas não foi eleita. Em 2018, tentou o Senado, mas não rolou de novo. Só que nessa campanha de 2018 ela já estava defendendo o Bolsonaro abertamente. E aí no ano seguinte foi chamada pelo então ministro Henrique Mandetta para participar do Ministério da Saúde, mesmo com zero experiência em saúde pública. O Mandetta me contou que fez isso, inclusive, para agradar a ala médica que tinha feito campanha para o presidente.

CHLOÉ: Quando a pandemia estourou a Mayra fez seu show. Foram várias coisas, mas talvez a atitude mais bizarra da Capitã Cloroquina tenha acontecido em janeiro de 2021. Quando Manaus estava sofrendo com a crise de oxigênio, ela foi enviada pelo ministro Eduardo Pazuello, um general da ativa na época, para entender o que estava acontecendo e tomar as atitudes necessárias. Ela passou um dia lá e cravou: o problema é a falta de tratamento precoce. Aí o Ministério da Saúde, em vez de correr atrás de cilindros de oxigênio, perdeu dias bancando uma comitiva de médicos que ia de hospital em hospital forçar a adoção do kit covid. A Capitã Cloroquina chegou a lançar por lá o TrateCov, um aplicativo que apontava qual o tratamento adequado para pessoas com suspeita de Covid. Na época que ele saiu, um monte de gente fez testes com o TrateCov e viu que ele recomendava cloroquina para praticamente todas as situações, e inclusive em bebês. O negócio ficou tão feio que o Ministério depois tentou dizer que não tinha lançado TrateCov coisa nenhuma, o que chega a ser bizarro, porque o lançamento foi gravado em vídeo.

SONORA LANÇAMENTO TRATECOV

Mayra Pinheiro: E hoje a gente lança aqui em primeira mão, o estado do Amazonas é o primeiro estado que recebe o aplicativo TrateCov. Esse aplicativo foi desenvolvido por uma das secretarias do Ministério da Saúde. E ele tem como objetivo adaptar um algoritmo já criado cientificamente através de um trabalho de pesquisadores e cientistas brasileiros.

CHLOÉ: Tá aí a Mayra Pinheiro lançando o aplicativo que não foi lançado. E um dos pesquisadores por trás desse algoritmo é o Flávio Cadegiani, o proxaboy do nosso primeiro episódio dessa segunda temporada, que fez aquela pesquisa com a proxalutamida que terminou em 200 mortes não explicadas. Ouça lá depois pra ter noção do que eu to falando. Mas enfim, com tudo isso aí está mais do que justificado o apelido de Capitã Cloroquina, e também a convocação que veio depois para depor na CPI da Covid. Como a gente falou, a Mayra chegou a ser indiciada, mas a PGR do Augusto Aras parece que não viu nada demais nas ações dela.

THAIS: Boa, Chlô. E tem uma coisa interessante dessa participação da Mayra Pinheiro na CPI da Covid, e que tem a ver com o populismo que a gente estava discutindo antes. É que um vídeo obtido pela comissão do Senado e divulgado pelo The Intercept Brasil mostrou que, antes do depoimento, a Mayra Pinheiro fez uma espécie de treino com um biólogo chamado Regis Andriolo. E tem um trecho muito revelador pro nosso tema aqui. Ele é um pouco longo, mas vale a pena:

SONORA MAYRA PINHEIRO

Qual é a bala de prata que eu posso levar estampada em um cartaz pra dizer aos senadores: tá aqui a prova estatística que eu tenho até hoje de que hidroxicloroquina, que ivermectina, funciona. Eu imprimi 2400 páginas de evidência, mas dessas páginas que eu imprimi, eu sei que boa parte pode ter os mesmos conflitos que o senhor acabou de falar aqui: questões de metodologia inadequada, etc. Então o que eu levo pra provar que nós estamos no caminho certo e que existe sim evidência?

THAIS: Então repara que a Mayra não sabe se tem uma bala de prata pra falar que tratamento precoce é benéfico. E ela mesma aponta dúvidas sobre as evidências a favor da cloroquina e da ivermectina. Só que melhora, ou piora, sei lá.

SONORA MAYRA PINHEIRO

Regis: Pois é, cadê o estudo precoce, né?

Mayra: Tratamento precoce!

Regis: Então, não tem esse estudo.

THAIS: O Regis Andriolo, que é defensor da cloroquina, falou abre aspas “Não tem esse estudo”. Ou seja, o cara que serviu de consultor da Capitã Cloroquina diz que não existe um estudo que comprove o benefício do tratamento precoce. E isso aí deixa claro que até a Mayra Pinheiro não tinha convicção na cloroquina, ou pelo menos não uma apoiada em ciência. E mesmo assim ela vai e segue defendendo o kit Covid. Por quê?! A nossa hipótese, e é só uma hipótese, é o populismo médico. Sem o kit Covid, a Mayra volta para a escuridão e aumentam suas chances de fracassar de novo nas eleições. Com o kit covid, ela é a Capitã Cloroquina e tem chances de descolar uma cadeira na câmara dos deputados.

THEO: Para entender o tamanho do perigo que esse tipo de candidatura oferece pro nosso SUS e para saúde brasileira, a gente foi atrás do Adriano Massuda.

SONORA ADRIANO MASSUDA

Meu nome é Adriano Massuda. Eu sou médico sanitário. Sou professor da Fundação

Getúlio Vargas. Fui secretário de saúde em Curitiba, no Ministério da Saúde fui secretário executivo adjunto. Depois desse dessa experiência na gestão do SUS, eu fiquei três anos na Universidade de Harvard fazendo meu pós-doutorado como pesquisador visitante na escola de saúde pública.

THEO: É, o cara sabe do que ele tá falando. E o Massuda acha que, se muitos desses médicos negacionistas entrarem no governo, a gente corre um risco de ver novas cloroquinas ganhando força.

SONORA ADRIANO MASSUDA

A seguir um ministério da saúde que coloca negacionistas para comandar a estrutura de avaliação de tecnologias e que deixe de usar as melhores evidências científicas para conduzir as decisões das políticas públicas, o risco é um envenenamento em massa da população. Medicamento é isso: se você não dá na dose certa, se você não dá para o problema certo, ele é veneno. Então o risco de pessoas como essa ocuparem cargos de decisão é você fazer uma grande contaminação da população.

THEO: A boa notícia é que o Massuda não acredita que essa turma vá conseguir se eleger em peso para cargos no Executivo e no Legislativo. Então a maior preocupação segundo ele é evitar que lobbys do Congresso contaminem instituições técnicas, como a Anvisa e a Conitec, que ajuda a decidir quais medicamentos vão parar no SUS. Como, aliás, já aconteceu na gestão Bolsonaro. Por outro lado, o Massuda comentou que o clima atual deixou o debate sobre a saúde bem raso no geral.

SONORA ADRIANO MASSUDA

Então mesmo quando você vê candidatos qualificados, você vê que a proposta para a saúde em geral se resume a ampliar acesso à atenção especializada, fazer mais hospital, fazer mais hospital dia. Que assim: são propostas bastante simplificadas, bastante rasas do que você precisa fazer no SUS.

THAIS: Não é que construir hospital não seja importante em alguns cenários. Mas o Massuda diz que os governantes precisam pensar na governança do SUS, em como gerenciar direito esse projeto incrível que a gente tem aqui. E, para ele, precisa ter mais investimento, sim. Da ordem de 5 a 6% do PIB pelo menos em saúde pública.

SONORA ADRIANO MASSUDA

Se ficar nesse patamar de 3.9% PIB, é ficar remando contra a maré sem ter fôlego para construir uma solução de fato material para o sistema de saúde brasileiro.

THAIS: O duro é que fica complicado pautar financiamento, gestão e tudo mais quando tem uma massa de políticos que está no nível de discutir se vale ou não vale dar

vacina. E aqui a gente precisa falar de uma velha amiga nossa do Ciência Suja: a Maria Emilia Gadelha Serra. Essa é a quarta vez que ela aparece no podcast, e é até justificado, porque a gente tá falando da maior personagem antivacina do país. A gente recomenda ouvir o episódio “Os antivacina contra-atacam” para entender quem é a Maria Emília. Mas o fato é que ela se candidatou como deputada federal, e é outra que tem potencial de se eleger por esse fenômeno do populismo médico. A Maria Emília tenta se ligar ao Bolsonaro em todos seus materiais de campanha. Ela inclusive copiou a música da campanha do presidente, que fala, adivinha, em povo. Ouve aí a dela:

MÚSICA DA CAMPANHA MARIA EMÍLIA

É a médica do povo, ela é de Deus, pode confiar.

THAÍS: E agora a dele pra comparar.

MÚSICA DA CAMPANHA BOLSONARO

É o capitão do povo, que vai vencer de novo, ele é de Deus, você pode confiar.

THEO: É sofrência. Mas tem uma questão da Maria Emilia que a gente queria discutir especificamente nesse episódio. A ligação dela com os militares, e o papel da caserna na disseminação do negacionismo científico por meio da política.

SONORA CLUBE MILITAR

Como foi dito aqui, essa é uma atividade organizada pelos três clubes militares, nós tivemos a honra de receber aqui a Dra Maria Emília para nos trazer esse assunto que está mais do que em pauta.

THEO: Pois é... Bom, vai lá Chlo.

CHLOÉ: Sim, "pois é" com P maiúsculo... Eu já tinha visto durante minha cobertura da pandemia que o Clube Militar Estava soltando umas notas antivacina e que a Maria Emília até tinha palestrado lá, como vocês ouviram nesta sonora. Mas daí, pesquisando coisas para esse episódio, eu percebi que o buraco é mais embaixo. E assim, militarismo é um assunto que eu não tenho familiaridade nenhuma, então foi uma apuração meio complicada de fazer.

CHLOÉ: Mas enfim, eu entendi que não foi tão por acaso que os militares abraçaram o negacionismo pandêmico com força. Não é uma coisa de tio de zap desocupado ou de militar aposentado que se converteu para bolsonarismo. Na verdade, o conspiracionismo é uma parte meio estruturante do pensamento militar. Quem explicou isso pra gente foi o Piero Leirner.

SONORA PIERO LEIRNER

Eu sou Piero Leirner, sou antropólogo e professor titular da Universidade Federal de São Carlos, do departamento de Ciências Sociais e do programa de pós em antropologia social.

CHLOÉ: O Piero é um dos poucos caras que conseguiu estudar os militares brasileiros dentro da caserna. Ele escreveu recentemente o livro “O Brasil no espectro de uma Guerra Híbrida”. Explicando de um jeito bem resumido, ele propõe que os militares promovem uma espécie de guerra constante contra seus inimigos internos, em especial a esquerda, e para isso eles usam operações psicológicas inspiradas em manuais de guerra de outros exércitos do mundo. Ele também constrói uma tese para explicar como os militares arquitetaram sua volta ao poder desde o governo Dilma.

SONORA PIERO LEIRNER

Em 2016, ano do impeachment da Dilma, dos 16 generais que ocupavam as cadeiras do alto Comando do Exército, 14 foram trabalhar no governo Bolsonaro. Então se você me disser que não tem um projeto deles, realmente fica muito estranho.

CHLOÉ: Enfim, a gente não vai entrar muito nisso, mas, se você quiser saber mais, escute o episódio 70 do podcast Rádio Escafandro, “Os generais e o cerco a Brasília”. Ele é feito pelo nosso parceiro de Rádio Guarda Chuva, o Tomás Chiaverini, e nessa conversa com o Piero, ele explica isso muito melhor do que eu conseguiria fazer.

SONORA PIERO LEIRNER

No núcleo duro, vamos dizer assim, do processamento doutrinário ideológico militar, a dissimulação é central. Então isso que a gente está lendo como uma fake News para eles é um método.

CHLOÉ: Tanto que o Clube Militar foi um dos primeiros lugares a abrir as portas para o finado astrólogo Olavo de Carvalho, o ideólogo do governo Bolsonaro. O Piero conta no livro dele que, desde 2001, o cara era recebido com pompa e circunstância no Clube Militar. E tem matérias na internet mostrando como o Olavo é citado como referência bibliográfica em trabalhos acadêmicos nas escolas do exército.

CHLOÉ: O Clube Militar é a porta de entrada não só para o Olavo, mas para a Maria Emilia Gadelha e até outros médicos antivacina e cloroquiners que pintaram por lá na pandemia. No Clube Militar, as ideias são galvanizadas, para usar um termo do próprio Piero. Mas tem um lugar na internet onde essas mesmas ideias conspiracionistas se difundem. Quer dizer, tem vários, mas aqui a gente vai falar de um específico, que

coloca um verniz militar no negacionismo. É o site defesanet.com.br. Esse site é um dos principais portais de notícias sobre as forças armadas e virou um reduto de conspiracionismo pandêmico pesado. Eles chamam as vacinas de “arma de poder mundial” pra ter ideia. Tem muita, muita loucura por lá. Eu cheguei a ver um artigo com o título “Viciados em crack possuem mais garantias de direitos civis do que pessoas não vacinadas”

SONORA PIERO LEIRNER

Mais ou menos até 2014, eles basicamente eram um portal de informação. Começa de repente virar uma correia de transmissão desse grupo e como correia de transmissão desse grupo, ele vai atuar como mecanismo de desinformação também, como um braço de operações psicológicas

THAÍS: A verdade é que os militares também se alimentam das crises, e precisam ter um inimigo a ser combatido, porque o fato de existir uma ameaça misteriosa dá mais relevância pro exército. E, claro, garante dinheiro e poder político para eles. A pandemia, o discurso antivacina e até o próprio Bolsonaro seriam, nessa linha de pensamento, mais uma oportunidade de capitalizar.

SONORA PIERO LEIRNER

A área da saúde por quê? Porque ela é gigantesca. Tem verba para burro. Os caras não iam se ausentar dela. Mas meio ambiente também, né? Por quê? Porque drenaram todos os recursos do meio ambiente e repassaram eles para o Ministério da Defesa.

THAÍS: A questão ambiental é simbólica para o Exército. E ela ajuda a gente a entender que não é de hoje que os militares abraçam e difundem teorias da conspiração. Agora você vai ouvir de novo a Letícia.

SONORA LETÍCIA CESARINO

E tem um elemento também histórico no Brasil. É que o conspiracionismo anticomunista, esse sim é estruturante dos militares brasileiros já há bastante tempo. Então essas teorias da internacionalização da Amazônia, por exemplo. De que os movimentos indígenas, os antropólogos, as ONGs de Defesa do meio ambiente seriam fachadas para interesses internacionais. Isso é uma explicação conspiratória, né? Que tá aí desde muito antes da internet.

THAÍS: E uma nota curiosa... Adivinha quem também deu palestra no clube militar anos atrás?

SONORA DO RICARDO SALLES

Enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, ir passando a boiada.

THAÍS: Pois é, é o ex-ministro do meio ambiente e candidato a deputado federal Ricardo Salles. Mas calma que vamos falar de meio ambiente e do Ricardo Salles mais pra frente. A gente só tocou nesse assunto agora para mostrar como essas pautas todas servem a interesses parecidos. Vira tudo um mix negacionista para evitar fazer o que realmente é preciso.

THEO: A gente não sabe quanto desse negacionismo científico dos militares é projeto e quanto na verdade é mais consequência de senilidade, com todo o respeito. Mas é inegável que os caras têm interesse em continuar no poder. Tanto que tem uma porção de militares concorrendo a cargos esse ano, incluindo o ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello, o homem que mandou cloroquina em vez de oxigênio para Manaus.

SONORAS EDUARDO PAZUELLO

- “Você está falando com um cara que sabe tudo de segurança, ou grande parte de segurança, que sabe de saúde”
- “Eu não sabia nem o que era o SUS”

THEO: Mas lembra que a gente prometeu falar de meio ambiente? Então, segura só mais um pouquinho que depois do intervalo a gente entra nessa.

INTERVALO

THEO: Esse intervalo aqui é pra dizer que o Ciência Suja tem o apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica no Brasil. O site deles tá cheio de iniciativas bacanas pra vocês conhecerem. O endereço é serrapilheira.org

THAÍS: O Ciência Suja faz parte da Rádio Guarda-Chuva, uma confraria de podcasts jornalísticos. E pela falta de um, hoje a gente trouxe dois parceiros nossos.

SONORA BRUNO TADEU, AFLUENTE

Oi gente, eu sou o Bruno Tadeu, jornalista em Manaus, Amazonas, onde produzo o Afluyente, um podcast sobre o Amazonas. Nele você encontra histórias como o inventor do barco mais rápido de todos e também para a luta da preservação da maior reserva extrativista do Brasil. Entre outras muitas. O Afluyente está no Twitter como Afluyente podcast, e no Instagram como Afluyente Jornalismo. Segue lá.

THEO: E tem também O Diversifica, que é um videocast do Portal dos Jornalistas que discute a importância da Diversidade, Equidade e Inclusão nas redações jornalísticas brasileiras. Com apresentação de Luana Ibelli, a primeira temporada contou com seis episódios, cada um debatendo a questão da inclusão a partir de uma realidade minorizada: LGBTQIA+, com Caê Vasconcelos; Pessoas com deficiência, com Jairo Marques; Negritude, com Luciana Barreto; Territórios, com Nayara Felizardo; Indígenas, com Luciene Kaxinawá; e Neurodivergentes, com Erick Mota. Os episódios estão disponíveis no canal do Portal dos Jornalistas, no YouTube e nos principais tocadores de podcast.

FECHA INTERVALO

THEO: O Brasil é uma república federativa cheia de árvores e gente dizendo adeus. A frase é do Oswald de Andrade, e aparece no romance "Serafim Ponte Grande", que foi publicado há quase 90 anos. Mas daria pra adaptar a frase do Oswald pro Brasil atual. Ficaria meio assim: "O Brasil é uma república federativa sem tantas árvores assim, e cheia de cientista bom dizendo adeus".

THAÍS: É, bem que a gente tenta, mas, quando o assunto é meio ambiente, não tem como deixar de falar de alguns picaretas que infestam ou já infestaram o governo federal. E o ex-ministro do Meio Ambiente, atual candidato e passador de boiada Ricardo Salles merece destaque aqui.

THEO: O Salles pediu demissão do ministério do meio ambiente em 2021 porque era alvo de uma investigação sobre extração e venda ilegal de madeira. É isso mesmo que você ouviu. Um ministro de meio ambiente metido em um suposto esquema de tráfico de madeira. Como a gente falou, o Ricardo Salles quer virar deputado federal, e ele é um dos candidatos com mais recursos naquela lista de negacionistas que a gente levantou para esse episódio. Ele tem quase 4 milhões de reais em patrimônio declarado e recebeu mais de 1 milhão e meio de doações de pessoas físicas. Entre eles tem o Marcos Ermírio de Moraes, bilionário do grupo Votorantim, que não é só candidato, como é o candidato mais rico do país. Tem também o Helio Seibel, dono da Leo Madeiras, de insumos para marcenaria, mas que ironicamente vinha voltando sua carteira de investimentos pro ESG, que são essas aplicações focadas em sustentabilidade e meio-ambiente.

THAÍS: Em 2019, em uma viagem pela Amazônia, o Ricardo Salles defendeu a recuperação da Rodovia BR-319, que liga Manaus à capital de Rondônia, Porto Velho. Se você fizer uma busca rápida pelo nome dessa rodovia no Youtube, uma lista gigantesca de vídeos aparece denunciando o péssimo estado dela. Temos como "a

pior rodovia do Brasil” e “a estrada fantasma” são bem comuns. Tem também uns elogios à atuação do governo Bolsonaro na recuperação da estrada que, pelas imagens, parecia estar num lamaçal que só.

THAIS: Mas a verdade é que o Brasil e a Amazônia não precisam da BR-319. Primeiro porque ela não tem nem estudo de viabilidade técnica e econômica. Tem, pelo contrário, pesquisas que mostram que é mais barato e eficiente escoar produtos agrícolas e os da Zona Franca de Manaus por transporte fluvial ou até marítimo.

THAIS: Isso quem falou pra gente foi o Philip Fearnside, um professor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, com quem o Pedro Belo aqui do time conversou quando esteve em Manaus pra apurar o primeiro episódio da nossa temporada, sobre a proxalutamida.

PEDRO: Oi pessoal, olha eu aqui de novo.

THEO: Conta para gente como foi essa conversa aí, Pedrão.

PEDRO: Pois é, foi em mais um daqueles dias de umidade braba e calor intenso que eu fui até o arborizado, e portanto agradável e fresco campus do Inpa lá em Manaus entrevistar o professor Philip Fearnside.

PEDRO: Ele não tem esse nome de gringo à toa. Ele é norte-americano mesmo, mas está por aqui desde a década de 1970, e quando o assunto é Amazônia, ele é uma referência internacional. O cara é membro do IPCC, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, e inclusive é ganhador do Prêmio Nobel da Paz por isso. O primeiro nobel que a gente teve a honra de entrevistar aqui no Ciência Suja.

PEDRO: Mas como o bolsonarismo adora esse patriotismo vazio, foi justamente por não ser brasileiro que o Phillip foi atacado no ano passado numa audiência pública sobre a BR-319.

SONORA PHILIP FEARNSIDE

Eu estava com todos os grupos nessa audiência, os motoqueiros, por exemplo. Grupos apoiando a obra, então era um clima para isso. E também obviamente os apoiadores do presidente. Uma das facções que foi assim a cabeça desse ataque.

PEDRO: Segundo a matéria da Folha de São Paulo que narra esse episódio, teve um candidato a deputado estadual que não citou estudo nenhum para defender a pavimentação da estrada. O argumento-chefe do cara é que um caminhoneiro havia

perdido dois pneus por causa da condição precária da rodovia na semana anterior àquele evento ali.

PEDRO: Já o professor Fearnside, que acompanhou as obras da rodovia Transamazônica na década de 70 e as consequências que ela trouxe para a região de Altamira, no Pará, tem outra opinião, e essa está bem embasada em estudos científicos. Para ele, abrir estradas numa região remota e relativamente intocada pelo desmatamento não é aconselhável.

SONORA PHILIP FEARNSIDE

Pedro: Esse bloco tá mais preservado, mais intocado e não tem muito acesso, né?

Philip: Exatamente. É mais intocado porque não tem estrada. Quando se faz a estrada, o que acontece depois em grande parte fora do controle do governo. O plano do governo, ele tinha governança. Mas depois de feito, são milhares de pessoas independentes que vão entrando. Você tem grileiros, sem-terras, madeireiros que vão entrando por conta própria.

PEDRO: Para o Philip, o interesse nessa rodovia está ligado à busca por votos na região de Manaus. Tem também o interesse de tornar acessível para exploração todo um bloco de floresta que ainda não foi explorado. Segundo o professor, o argumento de alguns políticos é que o Amazonas sempre foi tratado como colônia, e que o centro-sul do país tem uma dívida com a região. E a construção da estrada alavancaria esse suposto progresso. O que eles não falam é do impacto negativo disso.

SONORA PHILIP FEARNSIDE

Agora eu duvido que esse argumento, que pode pegar aqui em Manaus, não vai pegar em São Paulo. Sobretudo se esse pessoal de São Paulo fosse acordar para saber que 70% da água lá está chegando dependendo daquela floresta que está sendo colocada em risco.

PEDRO: Sim! Tem pesquisa mostrando que o desmatamento na Amazônia afeta o fornecimento de água para a maior cidade do país e para toda a região centro-sul do Brasil. Esse é inclusive um dos serviços ambientais da floresta.

SONORA PHILIP FEARNSIDE

Philip: 70% da água, então chega da Amazônia. E não diretamente do mar. Então perdendo a floresta isso não vai ter mais.

Pedro: é possível reverter essa tendência de seca no Sul por causa do desmatamento?

Philip: Esse efeito depende de manter a floresta.

THAÍS: Pois é, a manutenção da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta, tem impacto direto no regime de chuvas em outras regiões do país. Algo que afeta também uma das principais atividades econômicas do Brasil: o agronegócio. Só que isso vem sendo ignorado há anos por uma parcela desse setor. A bancada do agronegócio é bem conhecida por manipular dados e ignorar as evidências que apontam as consequências negativas do comportamento do setor. O Ricardo Salles é só o mais recente expoente desse discurso. O guru "científico" do Salles e um dos caras que acabou inserindo ele no governo Bolsonaro é um pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa. Seu nome é Evaristo de Miranda. O Evaristo, que é responsável pela equipe da Embrapa Territorial, tem uma proximidade com o governo federal que vem da época do governo Sarney. E que - atenção! - chegou a influenciar políticas dos governos Lula e Dilma.

THEO: Mas foi no governo Bolsonaro que o Evaristo ganhou licença total para brilhar. Para entender o impacto dessa figura a gente conversou com o pesquisador Raoni Rajão, da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG. O Raoni é cientista de dados, e participou de um estudo que evidenciou uma série de falsas controvérsias produzidas por Evaristo e o seu time. E também o resultado delas na conservação do meio ambiente. A gente pediu um exemplo dessas lorotas do Evaristo. E o Raoni contou uma história de uma época de discussões sobre o Código Florestal, em que o Evaristo deu um migué pra fazer parecer que a área protegida de vegetação na margem dos rios era muito grande. E que na verdade seria desnecessário proteger tudo isso, daria pra explorar mais esses entornos.

SONORA RAONI RAJÃO

E o que nós observamos ao fazer estudos que buscam simular, inclusive as mesmas regras, a mesma metodologia. O que nós observamos ao fazer estudos que buscam seguir as mesmas regras, a mesma metodologia, é que só era possível chegar naquele número ao invés de aplicar a faixa de 30 metros, que é a mais comum no caso de rios menores, a no máximo 500 metros, que é no caso de um Rio Amazonas, foi aplicada a regra dos 500 metros. É como se todos os rios do Brasil fossem ver Amazonas, né? E aí o número casa com o número dele.

THAIS: O estudo do Raoni aponta uma série de outras coisas, mas como o objetivo desse episódio é fazer um panorama mais geral do negacionismo nas eleições, se você quiser saber mais sobre isso, a gente indica uma excelente reportagem do Rubens Valente e o segundo episódio do podcast Tempo Quente, da Giovana Girardi. Os links estão na descrição do episódio.

THEO: Enfim, o impacto desse monte de picaretagem é algo que a gente tá vendo agora. O Brasil vem batendo recordes sucessivos de desmatamento, ano a ano, mês a mês. Tá até difícil de contabilizar o tanto de marca negativa. Mas vai lá uma notícia do dia 20 de setembro de 2022, na semana em que a gente grava esse episódio: o total de queimadas na Amazônia nos primeiros 9 meses do ano já superou o número do ano passado inteiro.

SONORA RAONI RAJÃO

O que aconteceu no sul do bioma Amazônia com relação ao padrão de chuva e não só a quantidade, mas quando que essa chuva caiu e como que isso mudou nas últimas duas décadas: o que nós observamos é que o desmatamento local, nós não estamos falando de mudança climática, o desmatamento local já está reduzindo a estação chuvosa em média em um mês. O que que tem de bom ali: a chuva. E para que essa chuva? Para poder conseguir fazer sem irrigação duas colheitas por ano. Com o efeito do desmatamento, a janela de plantio das duas colheitas está diminuindo. Ano passado, houve uma perda muito grande dessa safrinha, que é exatamente essa safra de milho que é feita nessa janela, mas essa janela está sendo encurtada por causa do desmatamento. Ou seja, o que está acontecendo no Brasil é um agrosuicídio.

THAÍS: E já que o próprio agro gosta de dizer que o setor carrega o Brasil nas costas, os possíveis impactos para economia do país são preocupantes.

SONORA RAONI RAJÃO

E aí quem vai perder não vai ser só o agro, vai perder o Brasil. Vai perder todo o PIB. Ou seja, o Brasil precisa de um agronegócio forte. Agora, ele precisa de um agronegócio responsável, ele precisa um agronegócio que reconheça que ele depende do dessa infraestrutura verde, que são as florestas, para poder continuar produzindo em vez de negar que desmatamento é um problema sério.

THAIS: Para que o setor, a sociedade e a natureza como um todo sobrevivam ao cenário alarmante previsto pelos cientistas, que já está se confirmando, os candidatos que tão aí vão precisar repensar seus conceitos. A gente reforça aqui: o problema maior é negar que o problema existe! E por mais tosco que isso pareça, esconder a poeira para baixo do tapete é uma estratégia usada no congresso. Já piorou, e pode piorar mais.

THAIS: Todos esses casos e discussões que a gente trouxe até agora podem passar a impressão de que os políticos negacionistas são abertamente negacionistas, como se eles admitissem que estão defendendo pseudociências. E tem uns que seguem mesmo essa linha, como lembrou o Guilherme Casarões.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Então uma coisa é você falar como o López Obrador, que é um populista de esquerda no México, né. O presidente mexicano que falava assim: basta vestir um amuletinho de Nossa Senhora que você não vai pegar a covid, né? Ou o Lukashenko dá Bielorrússia falando: não, basta tomar vodka que você não vai pegar doença. Isso é negacionismo escancarado. Isso é superstição, é simpatia.

THAIS: Mas o Casarões chamou a nossa atenção para um ponto óbvio, e que ainda assim é ignorado: o de que muitos candidatos negacionistas dizem defender a verdadeira ciência, entre aspas. Esse pessoal se diz injustiçado pela comunidade científica, mas precisa usar a linguagem científica para tentar passar alguma credibilidade.

SONORA GUILHERME CASARÕES

O que aconteceu no caso brasileiro e no caso americano foi o uso pontual, mas sistemático, de dados científicos esparsos e parciais para tentar contrapor-se à ciência mainstream no próprio campo em que a ciência estava lá discutindo a eficácia de remédio, que é o campo da narrativa científica.

THEO: A gente viu muito disso na pandemia. O cara pega um dado isolado de um estudo ou recorre a pesquisas fraquinhas para defender um ponto, como o de que cloroquina funciona para covid, ou o de que o aquecimento global não é uma ameaça.

SONORA GUILHERME CASARÕES

A gente tinha o Bolsonaro nas lives de quinta-feira lendo números sobre máscara, sobre lockdown, sobre vacina. Mas como ele só dava o número e não contava o processo ele não explicava procedência do paper ou falava nada especificamente sobre os estudos, para quem tava ouvindo, eu acho que essas pessoas estavam ali sendo seduzidas por uma narrativa que a gente chama de ciência alternativa, que vai conseguir dominar certos campos dos apoiadores do Bolsonaro mesmo depois da tragédia de 680 mil mortes por covid.

THEO: A consequência desse movimento que o Casarões comentou é que a gente não deve esperar uma bancada antivacina, por exemplo. O medo na real é a gente eleger um número considerável de negacionistas, ao ponto de eles criarem uma bancada da ciência, entre aspas, só que dessa ciência alternativa, que no final das contas é Ciência Suja! Ou que essa ciência alternativa acabe virando uma coisa transversal, uma forma de argumentar para passar leis e projetos absolutamente prejudiciais. Imagine um monte de Ricardo Salles defendendo “boi bombeiro” para conter queimadas no

Pantanal em um dia, um monte de Maria Emília passando projetos para oferecer remédios sem o aval da Anvisa no outro. E isso soltando uns dados mequetrefes, mas atraentes. E aí um negacionista apoia a pauta do outro: o antivacina vota pela destruição da Amazônia, o negacionista climático vota contra a vacina... Tudo para proteger a “liberdade”, a “família” e a “soberania nacional”; essas palavras-chave sem muito significado real.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Então eu acho que o que tá acontecendo hoje, Chloé, é que a gente tá diante de uma de uma proliferação de minibolsonaros. Reproduzindo, no nível estadual ou de deputado federal e etc, o mesmo conjunto de elementos que tornaram Bolsonaro populista mais bem sucedido da história do Brasil recente.

THEO: E tem um outro aspecto um pouco mais sinistro dessa história. O negacionismo, como um movimento estruturado, tem uma origem fascista, e isso não é exagero. No recém-lançado livro “Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente”, o historiador Michel Gherman explica que o negacionismo ganhou força com a extrema-direita, depois da Segunda Guerra Mundial.

NARRAÇÃO

A perspectiva primeira dos negacionistas era a busca pela reabilitação da extrema-direita na arena política, para isso foi necessário um exercício de passar o passado a limpo

THAIS: A relação entre fascismo e negacionismo é complexa, mas a verdade é que a ciência incomoda um regime ultranacionalista e autoritário. Porque ela comprova, por exemplo, que não há um povo melhor e um pior para você odiar. E a todo momento ela faz os governantes terem que repensar estratégias, especialmente aqueles planos mais populistas. Tem um texto de 2021 do historiador Gian Ruschel pro portal Deviante que é bem interessante nesse sentido. A gente separou dois trechos aqui pra você:

NARRAÇÃO

Os nazistas do Terceiro Reich adoravam a tecnologia, mas apenas no limite da praticidade da mesma, por ser um conhecimento instrumental utilizado para algo, no caso: a morte. Mas no cerne da mentalidade fascista há um ódio ao saber pelo saber. O fascista representa o “não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe”. A transitoriedade, relatividade e a parcialidade do conhecimento significam fraqueza para o fascista infantil, que necessita viver para sempre sob os cuidados do grande líder, do pai, do grande dono da verdade”.

THAIS: E agora o segundo trecho.

NARRAÇÃO

O pensar sempre foi visto como símbolo de fraqueza e imobilidade, portanto odiado em vários regimes fascistas. Para esses, a humildade e a incerteza que há na atitude do filósofo precisa ser eliminada, dando espaço às ações totalitárias – essas, sim, possuem valor heroico. Não é estranho o fato de que cada vez mais as pessoas irracionais sejam aplaudidas e endeusadas.

THEO: A gente não quer dizer que os negacionistas vão transformar o Brasil numa Alemanha nazista. Até porque hoje a moda nem é mais criar um regime que acaba abertamente com a democracia, como explica o Guilherme Casarões.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Tem um dado interessante dessa extrema direita contemporânea: pelo menos o pedaço mais expressivo politicamente dessa extrema direita convive com a democracia. Então são expressões autoritárias que topam jogar o jogo democrático, ainda que no fim das contas às vezes busquem subverter a democracia.

THAÍS: A onda dos autocratas de hoje é ir cozinhando a democracia em fogo baixo. Você vai queimando as instituições aos poucos, até uma hora que só sobra a carcaça delas. É a Fundação Nacional do Índio que impede a demarcação de terras indígenas, o órgão de saúde que coloca antivacina para falar em audiência sobre vacinação, o Ministério do Meio Ambiente que permite grilagem, a Fundação Cultural Palmares alegando que não existe racismo no Brasil. Mas a gente pode barrar o negacionismo e as consequências mais perigosas dele empurrando as coisas pro outro lado, segundo os nossos entrevistados.

SONORA GUILHERME CASARÕES

Pode ser uma ameaça, mas de novo, ela é reversível na medida em que, se todo o resto da estrutura política nacional tiver apontado por um caminho diferente, essas vozes isoladas, elas vão perder potência.

THAÍS: Um caminho é de fato eleger mais cientistas, ou gente acostumada a lidar com centros de pesquisa.

SONORA LETICIA

Você desce a ciência digamos assim da Torre de Marfim para ser um grupo de interesse como qualquer outro e aí. Então eu vejo com muitos bons olhos, eu acho que isso, sim, tem que ser feito, porque esse lugar confortável que a comunidade científica tinha até relativamente pouco tempo atrás de forma não tá mais tão confortável assim.

THAÍS: A Letícia Cesarino que você ouviu aí de novo fala que essa entrada de mais representantes do campo científico pode ajudar a elevar o nível do debate de pautas que não são tradicionalmente ligadas à ciência. A gente espera que esses políticos-cientistas não se envolvam só em debates sobre verbas para universidades, e sim que eles coloquem evidências científicas nas políticas públicas de diferentes áreas.

THEO: Outro caminho para evitar que o negacionismo tome conta do Executivo, do Legislativo e indiretamente até do Judiciário é cobrar dos nossos políticos, de todos eles, que coloquem a ciência no seu dia a dia, como falou o Adriano Massuda.

SONORA ADRIANO MASSUDA

O cientista tem que fazer ciência, e a ciência que ele faz tem que estar a serviço de quem vai tomar decisão seja no Parlamento, ou seja no Executivo. Então não é eleger um cientista-presidente que você vai resolver a coisa. Não, é fazer com que eleja um presidente que valorize a ciência, que valorize evidência científica, que chame os cientistas para conversar.

THEO: A gente não tá soltando esse episódio sobre eleições a três dias do primeiro turno à toa. Até porque essa ascensão do populismo e da negação da ciência deve continuar sendo pauta nos próximos anos. É só ver o que aconteceu nos Estados Unidos: o Trump caiu, mas sua rede de desinformação segue firme e forte, e mais obscura ainda. Inclusive para questionar a legitimidade do próprio sistema democrático, coisa que também está virando moda por aqui.

THEO: A nossa ideia é fazer você refletir se a ciência está na pauta dos seus candidatos. E eu estou falando de ciência como um conjunto de ferramentas para se tomar decisões políticas fundamentadas na realidade, não importa a área. Se você é uma pessoa mais ligada à proteção dos animais, o candidato que você está pensando em votar se apoia em dados confiáveis na hora de fazer propostas para evitar o sobreuso de cobaias em pesquisas ou para evitar o abandono de cachorros? Ou será que ele está mais no campo do populismo, mesmo que com boas intenções?

THAÍS: Porque assim: a antivacina Maria Emilia Gadelha Serra diz defender as crianças. O Renato Meneguelo, o candidato da fosfo, afirma que vai lutar pelos pacientes com câncer. A Capitã Cloroquina levanta a bandeira da saúde e do controle da pandemia. Então não faltam supostas causas nobres nos programas daqueles 53 candidatos negacionistas que a Chloé pôs numa planilha. O que falta ali é moral, senso de coletividade, noção do que é interesse público, bom senso, um pouco de semâncol... e também falta muita ciência.

SONORA GUILHERME CASARÕES

O negacionismo abastecido por essa estratégia da ciência alternativa foi tão avassalador nesses últimos tempos, porque a gente tinha toda uma estrutura favorável a isso. Era o presidente da república, eram os ministros, eram os assessores paralelos.

THAÍS: Cortar o negacionismo pelo topo da cadeia é importante. Bom voto no domingo, pessoal.

CRÉDITOS

THAIS: O Ciência Suja é apresentado por mim, Thais Manarini.

THEO: E por mim, Theo Ruprecht. Esse podcast é uma produção da NAV Reportagens, do Felipe Barbosa e do Pedro Belo.

THAIS: O roteiro e a produção deste episódio são da Chloé Pinheiro, do Pedro Belo, do Felipe Barbosa e do Theo. Todos nós revisamos o texto.

THEO: A edição de som e as trilhas são do Felipe Barbosa. Essa versão de Cielito Lindo, que você ouve agora, é interpretada pela violinista mexicana Melissa Rueda.

THAIS: As vozes complementares deste episódio são do Felipe Barbosa.

THEO: Neste episódio nós usamos trechos de áudios do UOL, Poder360, TV Globo, Jornal da Record, TV Câmara, DCM TV, Diário do Rio, CNN Brasil, além de áudios de materiais publicados no Youtube, Twitter e Facebook.

THEO: O nosso projeto gráfico e as artes de capas do episódio são trabalho da dupla Mayla Tanferri e Guilherme Henrique.

THAIS: Para saber mais e para ter acesso ao conteúdo extra desse episódio, acesse o nosso site, que é uma criação do Estúdio Barbatana. O endereço é www.cienciasuja.com.br

THEO: Esta segunda temporada tem mais uma vez o apoio do Instituto Serrapilheira. A gente agradece a confiança deles e também do Instituto Questão de Ciência, nosso parceiro nos mesacasts desta temporada.

THAIS: Siga o Ciência Suja nas redes sociais. É só procurar Ciência Suja no Instagram, Twitter e Facebook. Você encontra o nosso podcast nas principais plataformas de áudio e também no YouTube.

THEO: A gente volta com o episódio final da temporada daqui duas semanas, e com o mesacast na quinta que vem. Até!